

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ARTESANAL: EXAMINANDO ASPECTOS DE INOVAÇÃO E VISIBILIDADE DO ARTESANATO NO CARIRI CEARENSE.

ARTISAN WORK ORGANIZATION: EXAMINING ASPECTS OF INNOVATION
AND VISIBILITY OF HANDICRAFTS IN CARIRI-CE.

¹Rebeca da Rocha Grangeiro ²Antonio Virgílio Bittencourt Bastos

Resumo

Este artigo analisa aspectos relativos à organização do trabalho artesanal no Cariri cearense e busca caracterizar os artesãos em perfis que considerem, simultaneamente, o nível de visibilidade e inovação do artesanato. Tais informações foram coletadas junto a 230 artesãos do Cariri cearense. Os resultados encontrados indicam a baixa escolaridade destes trabalhadores que exercem a atividade artesanal em média, há 22,18 anos e adotam a própria residência como principal local de trabalho. Quanto à renda, observamos que 53,5% da amostra arrecada menos de um salário mínimo com o trabalho artesanal. Apesar da dificuldade econômica enfrentada, o artesanato ainda é para a maioria dos trabalhadores a única atividade produtiva exercida. Em relação ao nível de visibilidade e inovação alcançado pela amostra estudada, os resultados indicaram que 69,6% dela alcançaram baixos escores de inovação e visibilidade (denominados artesãos tradicionais não-reconhecidos). O segundo perfil (23,5%) apresentou baixo escore em inovação, mas alto em visibilidade (artesãos tradicionais reconhecidos), seguido dos artesãos que obtiveram altos escores em inovação e visibilidade (de referência cultural reconhecidos) e, por último, o perfil com menor quantidade de artesãos (1,7%) representa os artesãos com altos escores em inovação e baixos em visibilidade (de referência cultural não-reconhecidos).

Palavras-chave: Atividade artesanal; organização do trabalho; inovação e visibilidade no artesanato

Abstract

This article examines aspects of the work organization in Cariri's handicraft and it seeks to characterize the artisan profiles considering simultaneously the level of visibility and innovation that the handicraft reaches. Such informations were collected from 230 artisans from Cariri/ Ceará/ Brazil. The results indicate the low level of education of these workers. The average timespan of their artisanal activity is 22.18 years. The artisans use their own home as the main workplace. Regarding the income, we observed that 53.5% of the sample earn less than the minimum wage with the craftsmanship. Despite the economic difficulties faced, the handicraft is still the only productive activity performed by most of the workers. About the visibility and innovation level achieved by the sample, the results indicated that 69.6% achieved low scores for innovation and visibility (this group is called traditional non-recognized craftsmen). The second group (23.5%) showed low scores in innovation, but high scores in visibility (they're called traditional recognized craftsmen), followed by craftsmen group who obtained high scores in innovation and visibility (they're called cultural reference- recognized craftsmen) and, finally, the profile with fewer artisans is the group (1.7%) with high scores in innovation and low scores in visibility (they're called cultural reference, non-recognized craftsman).

Keywords: Handicraft activity; work organization; innovation and visibility in the handicraft

¹ Rebeca da Rocha Grangeiro, Universidade Federal da Bahia. E-mail: rebeca.grangeiro@ufca.edu.br

² Antonio Virgílio Bittencourt Bastos, Professor titular no Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília, com concentração em Psicologia Organizacional e do Trabalho. E-mail: antoniovirgiliobastos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em termos gerais, a história do artesanato na região do Cariri é pouco conhecida. Não existem muito relatos históricos e/ou científicos sobre esta atividade de trabalho na região. A partir dos documentos mais antigos, capturamos informações isoladas sobre esta atividade de trabalho uma vez que os textos possuem como objetivo principal relatar aspectos sociais históricos e religiosos da cidade (Facó, 1980; Della Cava, 1985).

Há pouco mais de quatro décadas um livro é integralmente consagrado ao artesanato e aos artesãos de Juazeiro do Norte. A obra escrita por Rabelo (1967) é uma referência básica para todos os outros autores que se dedicam à análise do artesanato na região do Cariri. O autor fez um apanhado estatístico minucioso sobre condições de vida e de trabalho dos artesãos e o impacto desta atividade na economia local. Desta forma, Rabelo (1967) constrói um primeiro perfil dos artesãos de Juazeiro do Norte, por ele denominados artesãos do Padre Cícero.

Passados dezesseis anos, o artesanato de Juazeiro do Norte reaparece como objeto de estudo no meio acadêmico. Alvim (1983) apresenta um estudo de caso sobre os artistas da arte do ouro de Juazeiro do Norte. O artigo de Alvim (1983) ganha o segundo lugar em concurso científico promovido pela Funarte e é publicado em formato de capítulo em Ribeiro (1983). A autora apresenta as nuances da complexidade do trabalho dos ourives, desde qualificação necessária para se “formar na arte”, até a maneira pela qual se encontram organizadas as unidades produtivas do ofício. A análise do caso dos ourives de Juazeiro do Norte encontra-se permeada pelo debate da relação entre elementos tradicionais e contemporâneos do ofício artesanal.

O milênio que se inicia em 2001 é mais rico quantitativamente em textos

científicos sobre o artesanato da região do Cariri cearense. No domínio das ciências econômicas os estudos dizem respeito à comercialização de jóias de ouro e jóias foheadas em Juazeiro do Norte (Cruz, 2001). Fernandes (2005) também aborda o tema da produção de jóias, mas se concentra em analisar as aglomerações produtivas de jóias e se seu impacto no desenvolvimento regional. A fim de cumprir seu objetivo, esta autora analisa 45 empresas informais e aproximadamente 200 produtores informais. Ainda sob o domínio das ciências econômicas, encontramos estudos sobre o artesanato em madeira (Oliveira, 2009) e em palha (Souza, 2010) que avalia o impacto do artesanato na economia do Cariri, a partir do caso da Associação Mãe das Dores.

O trabalho artesanal da região do Cariri também é estudado pela sociologia. Araújo (2006) analisa as repercussões da industrialização do Cariri cearense, enfatizando a capacidade dos atores sociais locais em relação ao desenvolvimento industrial vivenciado pela região. O caso específico do mestre da cultura, Espedito Seleiro, artesão do couro, é analisado por Araújo (2007) em Borsoi e Scopinho (2007) que têm como escopo apresentar como atividades laborais consideradas antigas se inserem em contextos de trabalho atuais. Ainda na mesma área de estudo, porém sob uma perspectiva diferente, Cavalcante (2009, 2011) trata das nuances entre arte e artesanato, apresentando uma situação de transição, um processo de transformação dos valores vivenciados por um grupo específico de artesãos/artistas de Juazeiro do Norte/CE.

Por seu turno, existem vários trabalhos científicos em administração que têm como foco o artesanato do Cariri cearense, que se distinguem pelos temas que discutem. Santos (2007) e Vidal (2010) abordam a comercialização do objeto artesanal e as dificuldades e desafios de exortação. Car-

valho (2006) apresenta o caso de empreendedorismo da Associação Mãe das Dores, como exemplo de caso de sucesso. Tratando do mesmo tema, Santos (2011) relaciona as características encontradas em um grupo de artesãs de Juazeiro do Norte com características empreendedoras, a fim de compreender a longevidade de grupos de artesanato. Duarte (2010, 2013) aponta elementos do desenvolvimento da carreira de artesãos que possuem o título de mestres da cultura do estado do Ceará.

Observamos crescimento de estudos científicos sobre o artesanato da região do Cariri cearense e diversas também são as perspectivas sob as quais se analisa o artesanato como objeto de estudo. As pesquisas as quais no referimos acima examinaram aspectos históricos do artesanato, a organização dos artesãos em grupos, relação do artesão com o objeto produzido, a carreira dos artesãos, as dificuldades em relação à comercialização, apresentando como exemplo o caso de um artesão de destaque ou um grupo formal de artesãos. No entanto, identificamos lacunas nas pesquisas sobre artesanato na região. Uma delas refere-se à ausência de estudos extensivos, que envolvessem todos os artesãos da região do Cariri cearense, independente de tipologia artesanal, de afiliação a grupos formais ou do sucesso conquistado pelo artesão. Outra seria a ausência de análises do artesanato como atividade de trabalho, privilegiando igualmente as três etapas do trabalho artesanal e não apenas a etapa de comercialização.

Desta forma, propomos um estudo extensivo que possui como objetivo principal analisar o trabalho dos artesãos da região do Cariri cearense, pertencentes ou não a grupos formais de artesanato, a partir de três etapas distintas, a saber: aquisição da matéria-prima, produção propriamente dita e comercialização do produto artesanal.

De modo específico, pretendemos:
i) Analisar aspectos relativos ao perfil do

artesão, à organização do trabalho, bem como aspectos econômicos da atividade laboral; e ii) Caracterizar os artesãos em perfis que considerem, simultaneamente, o nível de visibilidade do artesanato e as inovações nos processos de trabalho.

1. MÉTODO

1.1. Participantes

Tendo como objetivo analisar a atividade de trabalho de artesãos da região do Cariri, ampliamos a quantidade de cidades para além daquelas que compõem a Região Metropolitana do Cariri cearense - RMC. Assim, outras cidades que não integram a RMC, mas que fazem parte da região do Cariri foram incluídas no escopo da pesquisa.

A mesoregião territorial conhecida por Cariri cearense se situa no sul do estado e é composta por 32 municípios, divididos em 5 microrregiões, que representam 13% do território cearense (Araújo, 2006). Por sua vez, a Região Metropolitana do Cariri (RMC), conforme a Lei Complementar Estadual nº 79/2009 possui nove municípios, a saber: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri.

Os questionários foram aplicados em nove cidades da região do Cariri. Todavia, dentre os 230 artesãos que compõem a amostra deste estudo, 77,9% se concentram nas três principais cidades da região: Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, que são as cidades mais populosas e onde se concentram maior quantidade de artesãos. Estes foram identificados através de listagem de artesãos fornecida pela Ceart (Centro de Artesanato do Ceará), associações de artesãos, pontos comerciais de artesanato e contato estabelecido com a secretaria de cultura dos municípios investigados, que além dos três acima citados são: Cariria-

çu (8,3%), Santana do Cariri (6,5%), Várzea Alegre (4,8%), Nova Olinda (2,2%), Missão Velha (0,9%) e Potengi (0,4%).

A maior parte da nossa amostra é constituída por artesãs do sexo feminino (N = 162), compondo 70,4% contra 29,6% de artesãos do sexo masculino (N = 68). A idade da amostra dos artesãos pesquisados varia entre 10 e 87 anos, sendo a idade média de 42,54 anos, com um desvio padrão de 15,46 anos. A amostra é dividida ao meio em 46 anos (mediana). A idade mais frequente (moda) entre os artesãos estudados é 46 anos.

Quanto à escolaridade, identificamos que os participantes apresentam baixos níveis de escolaridade, se comparamos com os estudos realizados entre trabalhadores do setor industrial (Silva & Bastos, 2011; Carvalho et al., 2011; Rodrigues, 2011; Aguiar, 2012). Aproximadamente 41% da amostra não concluíram o Ensino Fundamental.

1.2. Instrumento de coleta de dados

O questionário elaborado para esta pesquisa está dividido em cinco partes, composto em sua maior parte de questões fechadas, ou seja, questões que apresentam as opções de resposta para os participantes da pesquisa (Rogelberg *et al.*, 2004). A primeira parte do questionário é intitulada identificação pessoal (1 a 7), composta de sete questões que permitem uma caracterização sociodemográfica dos participantes.

Já a segunda parte do questionário indaga sobre as condições profissionais e econômicas dos artesãos (questões 8 a 21). Por sua vez, a terceira parte do questionário possui como foco identificar aspectos relativos à forma como se dá a aquisição da matéria-prima atualmente e as possíveis inovações nesta etapa do processo artesanal (questões 22 a 26).

A quarta parte busca examinar elementos da produção artesanal (questões 27 a 38), incluindo questionamentos sobre a organização do trabalho nesta etapa do processo artesanal. Há também questões que buscam identificar a presença da inovação nesta etapa da atividade artesanal. Finalmente, a quinta e última etapa do questionário é direcionada aos aspectos da comercialização dos objetos artesanais (questões 39 a 48).

1.3. Medidas de visibilidade e inovação

Visibilidade refere-se ao alcance geográfico de mercado do artesanato, ou seja, até onde esse artesanato é comercializado. Para este estudo, em uma escala, a visibilidade do artesanato pode variar de ausente (score=0) à cosmopolita (score = 8), quando o artesão consegue vender para outros países. Passando por local (score = 1, 2 ou 3), quando a venda se dá na própria cidade em que o artesão atua e/ou em cidades vizinhas que compõem a região do Cariri cearense; estadual (score = 4 ou 5) comercialização em outras cidades do estado do Ceará; regional (score = 6) venda em outras cidades da região Nordeste e nacional (score = 7) venda em outras cidades do Brasil.

Desta forma, temos que score de visibilidade do artesão pode variar entre 0 e 8 pontos, em função da resposta dada à pergunta no questionário que busca identificar o local de venda do artesanato.

O nível de *inovação* foi mensurado tomando em consideração a existência ou ausência de mudanças, transformações e/ou adaptações nas três etapas da produção artesanal: matéria-prima, produção em si, comercialização.

Em relação à primeira etapa (aquisição de matéria-prima), é perguntado ao artesão se houve mudanças em três indica-

dores, são eles: de um tipo de matéria-prima por outro; se a matéria-prima passou por adaptações; e se houve mudança na forma de adquiri-la. Nesta etapa, se nada tiver mudado, o escore de inovação do artesão é igual a zero. Ao contrário, se houver mudança nos três quesitos, o artesão soma 3 pontos ao seu escore de inovação.

Na segunda etapa, buscamos identificar mudanças nos equipamentos de produção, na técnica, no estilo do artesão, no objeto produzido, bem como em relação à interação com outras pessoas no momento de produção. Cinco fatores são analisados, desta forma, a pontuação mínima do artesão nesta etapa é zero e a máxima é cinco.

Na terceira e última etapa, buscamos identificar se ocorrem alterações em relação à pessoa responsável pela comercialização do objeto artesanal; ao lugar geográfico onde ele é comercializado; e à forma de pagamento. Nesta etapa, o escore de inovação pode variar entre zero e três. Desta forma, a identificação do nível de inovação na produção artesanal, a partir dos indicadores apresentados nas três etapas da atividade artesanal, permite uma variação de escores entre zero e 11. Ou seja, os artesãos deste estudo podem variar, em relação ao escore de inovação, entre a posição zero e a posição onze, conforme apresentado na Figura 1. **Ver no final**

Inovação x Visibilidade

Relacionando inovação (eixo x) e visibilidade (eixo y), podemos organizar os artesãos em quatro subgrupos, onde no primeiro quadrante temos o artesão que na escala de visibilidade se encontra em nível variando de intermediário a superior, mas apresenta baixos níveis de inovação no processo produtivo. O artesão localizado neste quadrante é denominado artesão tradicional – reconhecido. No segundo quadrante, os níveis de visibilidade e inovação variam

de intermediário a alto e o artesão deste quadrante é denominado artesão de referência cultural – reconhecido. Por sua vez, no terceiro quadrante estão os artesãos que apresentam nível de visibilidade variando de intermediário a inferior, porém em relação ao componente inovação a variação ocorre entre o nível intermediário a superior. O artesão deste quadrante se chama de referência cultural – não reconhecido. Por fim, no quarto e último quadrante, tanto visibilidade quanto inovação variam de um nível intermediário a inferior, o artesão é denominado tradicional – não-reconhecido. A figura 2 permite melhor visibilidade dos subgrupos de artesãos.

1.4. Procedimentos de coleta e de análise dos dados

Quanto ao procedimento de coleta de dados, podemos informar que a mesma se deu por meio de entrevista guiada por questionário (Rogelberg, Church, Waclawski, Stanton, 2004). Optamos por este procedimento devido ao baixo nível de escolaridade da amostra pesquisada, que impossibilitou a aplicação clássica de questionário. Outrossim, utilizamos escalas coloridas, a fim de facilitar a compreensão dos níveis de concordância da escala Likert, conforme sugestão de Borges e Pinheiro (2002) de adaptação dos instrumentos de pesquisa para amostras de baixa escolaridade.

Os dados obtidos através da aplicação de questionário junto aos artesãos do Cariri cearense são, em sua maioria, dados numéricos e passaram por tratamentos estatísticos, conforme as características das variáveis analisadas. Para a tabulação e análise destes dados, foram utilizados o *software* estatístico SPSS 16.0.

Para cumprir as etapas propostas pelos objetivos específicos, conduzimos análises estatísticas descritivas de variáveis categóricas e numéricas, elaboramos gráfi-

co de dispersão, a partir da relação entre os escores de visibilidade e inovação obtidos por cada artesão, de maneira que podemos visualizar como os artesãos se distribuem em quatro subgrupos diferentes.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito ao primeiro objetivo específico deste estudo, apresentamos o perfil dos artesãos, seguido de dados relativos à forma como os artesãos organizam seu trabalho, bem como aspectos econômicos desta atividade. O artesão da região do Cariri cearense se dedica ao artesanato, em média, há 22,18 anos (com desvio padrão igual a 15,73). O intervalo de tempo de trabalho na atividade artesanal varia entre 0 e 67 anos, sendo a moda da amostra igual a 12 anos e a mediana igual a 21 anos.

Quanto à tipologia do artesanato de cada trabalhador podemos inferir uma grande variedade de matéria-prima, a partir da qual os artesãos constroem os objetos. A maior frequência de artesãos se encontra na tipologia rendas e bordados, seguida de trançados e madeira respectivamente. As três categorias juntas compreendem 60,43% da amostra estudada. Identificamos também artesanato feito com pedra cariri, típica da localidade, com metal e reciclados. Passando pela tecelagem, que afama a região por suas redes de qualidade, bem como a cerâmica e o couro, tipologia onde se encontram dois dos artesãos-mestres de cultura mais reconhecidos da região: as Marias do barro (em Juazeiro do Norte) e Espedito seleiro (artesão do couro em Nova Olinda).

Referente à organização do trabalho, observamos que os artesãos pesquisados trabalham em média 6,68 horas por dia. Sendo no mínimo 2 h/dia e no máximo 16 h/dia. A moda em relação a esta variável é de 8 horas por dia, aparecendo em 48 casos. A mediana é 6 h/dia. A própria residência

é o principal local de trabalho da amostra de artesãos estudados, correspondendo ao local de trabalho de 65,7% (151) dos artesãos pesquisados. O trabalho é realizado em associações (29) e em oficinas (48) por 33,5% da amostra. Para 80% da amostra, os equipamentos de trabalho pertencem ao próprio artesão.

Quanto aos aspectos econômicos da atividade artesanal, observamos que mais da metade da amostra estudada (53,5%) afirmou obter renda, a partir do trabalho artesanal, menor que de um salário mínimo. Quando indagamos aos sujeitos da pesquisa se o artesanato representava sua principal fonte de renda, obtivemos 69,1% de respostas positivas (159), contra 30,9% de respostas negativas (71). Em seguida, quando os perguntamos se realizavam outra atividade de trabalho além do artesanato, 61,3% responderam não exercer outra atividade (141), contra 38,7% que afirmaram exercer outra atividade laboral (89).

Os dados coletados indicam que entre os artesãos que possuem outra atividade de trabalho (N=89), a renda obtida com a atividade artesanal não representa sua renda principal, uma vez que 33,7% dos artesãos que exercem outra profissão têm no artesanato sua renda principal (N=30), contra 66,3% para os quais a outra atividade de trabalho fornece maior renda (N=59).

Há 12 artesãos que exercem unicamente a atividade artesanal, porém, possuem outra renda que é superior a obtida através do trabalho. Eles foram indagados sobre os motivos de possuírem uma renda superior à adquirida através do artesanato. Desta forma, pudemos identificar que nestes casos, a renda obtida através do trabalho é menor que um salário mínimo e é superada pela renda obtida através de pensão, aposentadoria e /ou qualquer outro auxílio financeiro fornecido pelo governo brasileiro, por exemplo, o Bolsa Família.

O segundo objetivo específico deste artigo tem como escopo caracterizar os artesãos em perfis que considerem simultaneamente, o nível de visibilidade do artesanato e as inovações nos processos de trabalho. Primeiramente, analisaremos cada variável separadamente e depois verificaremos em qual dos quatro quadrantes cada artesão se encontra quando submetido à análise das duas variáveis ao mesmo tempo.

Visibilidade

A Tabela 1 caracteriza a amostra do estudo quanto ao local de comercialização do artesanato, indicador principal utilizado para mensurar a visibilidade do seu trabalho. Podemos observar que mais da metade dos entrevistados (66,5%) não conseguem expandir a comercialização dos objetos produzidos para além do município onde vive. Esta tabela ainda evidencia que a resposta mais frequente dos artesãos aponta a própria residência como ponto de comercialização do artesanato produzido. A média de visibilidade da amostra é 2,33, quando o ponto médio entre os valores mínimo e máximo de visibilidade é quatro (escore de visibilidade variando entre zero e oito). Apenas 28,3% da amostra conseguem superar este ponto médio de visibilidade, ou seja, 71,7% da amostra se concentram entre os níveis ausente e intermediário de visibilidade, sugerindo que a amostra possui baixos níveis de visibilidade.

Inovação

Considerando que o escore em inovação pode variar de 0 a 11, encontramos uma média de apenas 2,1, que pode ser considerada baixa. Mediana e moda desta variável são iguais a 1. Nenhum dos artesãos da amostra estudada conseguiu atingir o escore máximo de inovação (11) e o escore mais alto registrado para esta amostra

equivale a dez. A amostra apresenta escore de inovação que varia entre 0 e 5, escore abaixo do ponto médio da escala utilizada para avaliar inovação. Assim, apenas 6,8% da amostra estudada consegue ultrapassar o escore médio de inovação.

Além do exame da média geral de inovação, também analisamos a partir de cada aspecto que a compõe, identificando quantos artesãos marcaram ponto (respondendo sim) para cada uma das onze questões que a integram. Analisando cada item, identificamos certa flexibilidade dos artesãos em acompanhar as mudanças das demandas de consumo da sociedade e, por exemplo, deixar de produzir malas de madeira e passar a produzir santos de madeira; reduzir a produção de roupas e aparatos de vaqueiros e passar a produzir sandálias e bolsas femininas em couro; associar à produção do tradicional chapéu de palha, inúmeros outros artigos como baús, caixas organizadoras e objetos decorativos. Mudanças em relação à pessoa responsável pela comercialização do artesanato (22 pontos) e na forma de aquisição da matéria-prima (23 pontos) correspondem às variáveis menos pontuadas de inovação.

Por sua vez, observando os dois casos que apresentam os maiores escores de inovação, identificamos uma artesã (10 escores em inovação), da cidade de Várzea Alegre, produtora de redes de dormir e o célebre mestre artesão do couro (Espedito Seleiro) de Nova Olinda, que obteve 9 escores em inovação. A primeira afirmou a presença de inovação em quase todos os fatores, exceto no que diz respeito a mudanças no estilo. Quanto ao mestre artesão do couro, dois fatores não passaram por alterações: 1) a matéria-prima, que sempre foi o couro bovino, lembrando que ela foi adaptada, uma vez que, começou a ser colorida; e 2) os equipamentos de produção, que são os mesmos desde quando o artesão aprendeu o ofício. Ainda sobre a ausência de inovação dos equipamentos de produção utilizados,

acrescentamos que o artesão exibe com orgulho a máquina de costura que pertencia ao avô e que atualmente faz parte do acervo do Museu do Couro, em Nova Olinda /CE.

Perfis de artesão: combinando visibilidade e inovação

Quando analisamos cada um dos participantes da pesquisa quanto ao escore obtido em visibilidade e em inovação, podemos visualizar a disposição destes artesãos em um gráfico que representa uma equação de primeiro grau, onde no eixo x são apresentados os escores de inovação e no eixo y os escores de visibilidade. Dividindo este gráfico em quatro quadrantes, temos 4 subgrupos de artesãos que se diferenciam quanto aos níveis de visibilidade e inovação do artesanato que produz, conforme apresentado na Figura 3. **Ver no final**

A Figura 3 representa simultaneamente o escore do artesão em relação à visibilidade e inovação. Desta forma, podemos visualizar a frequência de artesãos em cada um dos quatro quadrantes e distinguir quais são mais populosos e quais são menos populosos. No entanto, deparamo-nos com uma armadilha quando vários artesãos são representados por um mesmo ponto no gráfico. Isto acontece quando artesãos apresentam o mesmo escore de inovação e visibilidade e para demarcar alguns destes casos, identificamos, na própria figura, a quantidade de artesãos que são ali representados.

A análise mais detalhada dos dados nos permitiu identificar que a ocorrência de representação de vários artesãos por um único ponto no gráfico é mais recorrente no quarto quadrante, no qual 27 artesãos obtiveram, ao mesmo tempo, escore zero em inovação e escore um em visibilidade (0;1). No ponto (1;1) que representa escore um

em inovação e um em visibilidade se encontram 30 artesãos. Outros 22 artesãos apresentaram a mesma combinação de resultados para inovação e visibilidade e foram representados pelo ponto (1;2) na Figura 3. Há também outras posições no quarto quadrante que representam aglomerados de artesãos, a exemplo das posições (3;1) e (3;2), que indicam escore três em inovação e um ou dois em visibilidade, e reúnem 29 artesãos.

Nos primeiro e segundo quadrantes também observamos tal fenômeno, porém em menor frequência. No primeiro quadrante, o ponto mais populoso agrega 16 artesãos, que obtiveram um escore em inovação e seis em visibilidade (1;6). Ainda neste quadrante, observamos a existência de mais de um artesão sendo representado pelo mesmo ponto do gráfico. Os pontos (3;7), (5;7) e (5;8) acumulam 13 artesãos. No segundo quadrante, a congruência de artesãos no mesmo ponto é menor, em consequência da quantidade de artesãos que compõem sua amostra, mas ainda assim encontramos dois artesãos sendo representados pelo ponto (6;7), outros dois por (6;8) e três artesãos que obtiveram escore sete para inovação e visibilidade (7;7). Uma caracterização de cada subgrupo é delimitada a seguir.

O primeiro quadrante é composto por um subgrupo de 55 artesãos, que pode ser denominado artesão tradicional – reconhecido. Os artesãos que pertencem a este quadrante produzem artesanato tradicional, a partir de matéria-prima típica da localidade onde vive, utilizando técnicas de trabalho tradicionais. Pouca ou nenhuma inovação ocorre em relação ao processo de produção, já a inovação em relação ao artefato se limita a atualizações estimuladas por mudanças no contexto social, cultural e político em que vive o artesão. Por exemplo, artesãos que constroem cenários em barro ou em madeira, dedicam-se a este ofício provavelmente desde o início de suas car-

reiras, utilizando os mesmos instrumentos de trabalho, repetindo as técnicas de produção da mesma forma que aprenderam com o mestre que lhe transmitiu o ofício. As atualizações ou inovações se reservam às diferenças entre um cenário criado e outro, como forma de expressão das mudanças no contexto social vivido.

Os artesãos localizados no primeiro quadrante apresentam baixo poder de inovação, no entanto possuem visibilidade estadual, nacional ou cosmopolita (vide escala de visibilidade proposta por este estudo), que sugere alcance do artesanato superior à média proposta pela escala, indicando reconhecimento do trabalho artesanal em virtude da primazia da habilidade técnica e capacidade artística do artesão, e por seu trabalho representar expressão da cultura local.

A amostra de artesãos que pertence ao primeiro quadrante possui uma composição equilibrada quanto ao gênero dos respondentes, sendo formado por 30 artesãos e 25 artesãs, que exercem a atividade artesanal há uma média de 19,13 anos (DP=14,8). No que diz respeito ao nível de escolaridade, os artesãos tradicionais-reconhecidos são menos numerosos nos dois extremos da escala que indicam, à esquerda analfabetismo e, à direita, acesso ao nível superior de escolaridade, enquanto os níveis intermediários, que representam os níveis Ensino Fundamental incompleto e completo, bem como o Ensino Médio completo agregam a maior parte da amostra (83, 6%), respeitando o modelo de parametricidade dos dados.

A maior parte destes artesãos atua em Juazeiro do Norte (N=28) e Crato (N=16). Mas também estão presentes em Caririáçu, município que possui expressividade na produção de objetos artesanais cuja matéria-prima é a palha e em Várzea Alegre, cidade na qual um grupo de artesãs se destaca pela produção de redes célebres pela qualidade que apresentam e devido o

esmero dos bordados alinhavados. Quanto à renda mensal proveniente do artesanato, identificamos que os artesãos estão distribuídos de forma equânime entre os quatro primeiros níveis salariais propostos, a saber: menos de um salário mínimo (N=16); um salário mínimo (N=15); entre um e dois salários mínimos (N=13); maior que dois salários mínimos e até cinco salários mínimos (N=10). No entanto, apenas um artesão deste quadrante se encontra na maior faixa salarial, que compreende renda superior a cinco salários mínimos.

No segundo quadrante encontram-se 11 artesãos, intitulados de referência cultural – reconhecidos. O termo artesanato de referência cultural é citado em Sebrae (2010) para diferenciar tipos de artesanato, a exemplo de artesanato indígena ou artesanato conceitual, além de outros tipos de artesanato. Apropriamos-nos da nomenclatura utilizada por Sebrae (2010), no entanto, a denominação “referência cultural” deixa de ter o objetivo de diferenciar tipos de artesanato, e passa a identificar os subgrupos de artesãos delineados neste estudo. Segundo Sebrae (2010, p.14), artesanato de referência cultural se refere a

produtos cuja característica é a incorporação de elementos culturais tradicionais da região onde são produzidos. São, em geral, resultantes de uma intervenção planejada de artistas e designers, em parceria com os artesãos, com o objetivo de diversificar os produtos, porém preservando seus traços culturais mais representativos. (Sebrae, 2010, p.14).

De forma semelhante, neste trabalho, o termo referência cultural significa que o artesão inovou o produto artesanal, no entanto o artefato guarda em si características da cultura local, de forma que ao ter acesso a este artesanato percebemos nele elementos da identidade e da cultura local.

O alto grau de inovação, característico deste quadrante, refere-se não somente à inovação no produto criado, mas também à inovação no processo de produção artesanal, que podem se referir a novas técnicas empregadas no processo de produção propriamente dito, mas também podem dizer respeito a mudanças no preparo da matéria-prima, por exemplo, o uso de técnicas para colorir o couro ou a palha. Além das inovações no produto, assessoradas pelo contato com o *design* ou arte, a maestria no ofício, a qualidade e a beleza estética do artesanato produzido geram alto padrão de visibilidade do mesmo. Os artesãos representados neste quadrante superam o alcance geográfico local e ganham visibilidade nacional e internacional. Apesar da possibilidade de inclusão de artesãos com visibilidade estadual, nenhum dos artesãos, inseridos neste quadrante, obteve escore 4 ou 5 em visibilidade, que são os dois escores que compõem o nível estadual de visibilidade.

A amostra de 11 artesãos que compõem o segundo quadrante está dividida entre 5 artesãos e 6 artesãs, que trabalham em média há 31,91 anos com artesanato (DP=17). Considerando as cinco faixas de renda obtida com a atividade artesanal, proposta por este estudo, identificamos que os artesãos de referência cultural – reconhecidos se localizam nos três níveis de renda superiores, não havendo artesãos deste grupo cuja renda seja menor que, ou no máximo um salário mínimo. Cinco destes artesãos trabalham em Juazeiro do Norte, três em Várzea Alegre e os outros se encontram em Crato, Barbalha e Nova Olinda. Este perfil compreende o artesãos com maior média de tempo de trabalho com o artesanato e também com maiores faixas de renda obtida com a atividade.

No terceiro quadrante, onde o subgrupo é intitulado artesãos de referência cultural – não-reconhecidos identificamos quatro (4) artesãs do sexo feminino

que trabalham na cidade de Barbalha. A renda obtida a partir da atividade artesanal está entre um e dois salários mínimos. Tais artesãs apresentam baixos índices de visibilidade (obtiveram escore um ou dois), ou seja, os artefatos por ela criados não ultrapassam o alcance local. No entanto, observa-se inovação em relação ao artesanato produzido.

Dentre as artesãs de referência cultural – não-reconhecidas, duas trabalham com a confecção de pequenos *souvenirs*, especialmente relativos a aspectos religiosos da cidade de Barbalha. Uma delas utiliza material reciclável, na produção de objetos lúdicos infantis, especialmente bonecas e carrinhos. E a última é do ramo alimentício e confecciona licores.

Atrémos o nível de inovação alcançado por estas artesãs às peculiaridades da matéria-prima utilizada e dos tipos de objetos confeccionados. Pois identificamos que, no caso destas artesãs há constante renovação e atualização da matéria-prima utilizada. Elas também afirmaram haver mudanças relativas às técnicas de trabalho aplicadas, pois neste setor tanto a criação de novas técnicas quanto a acessibilidade a elas ocorre com maior frequência. Além das inovações relativas aos objetos em si, que seguem com mais facilidade as mudanças favorecidas pelo efeito da moda. Além das inovações relativas à matéria-prima, a técnicas de trabalho e ao objeto em si, identificamos também inovações relativas à forma de comercialização dos objetos produzidos.

O quarto quadrante, artesãos tradicionais – não-reconhecidos, é composto por um subgrupo de artesãos tradicionais e de baixa visibilidade. Eles representam 69,6% da amostra estudada. Os artesãos (N=160) deste subgrupo não inovaram no que diz respeito ao artefato criado, às técnicas de produção utilizadas, à forma de comercialização. Estes artesãos tampouco conseguiram aprimorar estilo próprio que

os distinguisse dos demais artesãos de sua tipologia. Na maioria das vezes, estes artesãos repetem mecanicamente as técnicas do fazer artesanal, utilizam matéria-prima nativa da região do Cariri, no entanto, produzem os mesmos artefatos que produziam antes da ascensão industrial na região, quando tinham amplo mercado de consumo.

Tais artesãos se encontram principalmente em Juazeiro do Norte (N=75), Crato (N=35), Caririáçu (N=15), Santana do Cariri (N=14) e Barbalha (N=11). Dedicam-se ao artesanato em média há 22,5 anos (DP=15,2) e, em sua maioria, são artesãos (N=127), que corresponde a 79,4% da amostra que compõe o quarto quadrante, contra 33 artesãos, ou 20,6% dos artesãos tradicionais – não-reconhecidos. Quanto aos rendimentos obtidos com o artesanato, a faixa que remete à renda inferior a um salário mínimo, compreende a maior frequência de artesãos (n=104), seguida da faixa que indica renda maior que um salário mínimo a no máximo dois salários mínimos (N=35), corroborando o dado deste perfil abrangendo os artesãos com menor renda, apontamos que o nível de renda superior a cinco salários mínimos não foi citado por nenhum dos artesãos que compõem este grupo.

Vale destacar que os ourives investigados, pertencem a este quadrante. Foram cinco os ourives entrevistados. Não muito numerosos, eles foram encontrados trabalhando em suas oficinas, que se localizam na mesma rua do Centro de Juazeiro do Norte. Desta forma, observamos uma categoria de artesãos que há aproximadamente quatro décadas eram mais numerosos e reconhecidos, que colocavam Juazeiro do Norte em posição de destaque quanto à produção e comercialização de objetos de ouro, no estado do Ceará (Alvim, 1983). Atualmente, estes artesãos produzem, especialmente, anéis de formatura, tornando difícil identificar se uma produção tão es-

pecífica/limitada é causa ou consequência da fragilização vivenciada por esta categoria, que parece ter pertencido ao primeiro quadrante, nos tempos áureos do artesanato em Juazeiro do Norte, mas que devido à redução da visibilidade que sua produção alcança, encontra-se no terceiro quadrante.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou o trabalho dos artesãos da região do Cariri cearense, considerando as três etapas do processo de trabalho artesanal: 1) aquisição da matéria-prima, 2) produção propriamente dita e 3) comercialização do produto artesanal. Quanto à organização do trabalho e aos aspectos econômicos do artesanato, podemos concluir o artesão da região do Cariri cearense se dedica ao artesanato, em média, há 22,18 anos e adota a própria residência é o principal local de trabalho (65,7%). Em relação à renda adquirida por estes trabalhadores, pouco mais da metade da amostra não chega a ganhar um salário mínimo através do trabalho artesanal. Apesar da evidente dificuldade econômica enfrentada pelos artesãos, o artesanato ainda é para a maioria dos trabalhadores a única atividade produtiva e para aqueles que exercem outra atividade, a renda obtida através do artesanato se caracteriza como renda principal.

Em relação aos níveis de visibilidade e de inovação, as médias de escore notadamente baixas, para estas variáveis, anunciam que a maioria dos participantes pertence ao sub-grupo dos artesãos tradicionais – não-reconhecidos. Os resultados indicaram que 69,6% da amostra se concentra, de fato, no quarto quadrante, onde estão os artesãos que alcançaram baixos escores de inovação e visibilidade. Este quadrante se caracteriza por 1) ser composto, em sua maior parte, de artesãos; 2) baixa renda adquirida através do trabalho

artesanal; 3) menores médias de horas diárias trabalhadas; 4) maior parte dos artesãos trabalharem no próprio domicílio.

Reflexões anteriores à coleta de dados nos levaram a considerar que a maioria dos artesãos do Cariri cearense apresentariam, ao mesmo tempo, baixos níveis de visibilidade e inovação. Em oposição, ponderamos que artesãos com altos escores em inovação e visibilidade seriam minoritários e até mesmo raros ou escassos. A análise dos dados coletados corroborou como primeira assertiva apresentada, no entanto refutamos a ideia de que os artesãos de referência cultura reconhecidos estivessem em minoria na amostra estudada e mesmo que fossem raros, ou escassos.

Assim identificamos que os artesãos pertencentes a este quadrante atuam em diversas tipologias artesanais (sobretudo do couro, madeira, palha e produtoras de rede) conseguiram realizar transformações relativas à produção (mudança dos equipamentos de produção, das técnicas utilizadas), ao produto em si, à forma de comercialização (quando o artesão deixa de depender do atravessador para comercialização das suas peças, ou quando além de repassar artefatos para atravessadores, o artesão passa a vender em feiras, outro exemplo possível seria deixar de vender apenas na própria oficina e vender na associação ou vender pela *internet*) e até mesmo, em alguns casos, desenvolvendo um estilo único e inconfundível, que permite a identificação do artesão no objeto produzido, mesmo se este não estiver assinado. Inovações estas que agregadas a um alto nível de visibilidade conduzem estes artesãos ao perfil que representa o subgrupo de artesãos mais desenvolvido deste estudo.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, C. V. N. (2012). *Conflito trabalho-família e comprometimento organizacional*: um estudo com trabalhadores de diferentes segmentos produtivos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia. 106f.
- Alvim, M. R. B. (1983). Artesanato, tradição e mudança social – um estudo a partir da arte do ouro de Juazeiro do Norte. In: Ribeiro, B. G. et al. (1983). *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte.
- Araújo, I. M. de. (2007). *Mestre das alpercatas*: tradição e contemporaneidade no Cariri cearense. In: Borsoi, I. C. F.; Scopinho, R. A. (2007). *Velhos trabalhos, novos dias*: modos atuais de inserção de antigas atividades laborais. Edições UFC: Fortaleza.
- Araújo, I. M. (2006). Os Novos Espaços Produtivos: Relações sociais e vida econômica no Cariri cearense, 2006. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Borsoi, I. C. F.; Scopinho, R. A. (2007). *Velhos trabalhos, novos dias*: modos atuais de inserção de antigas atividades laborais. Edições UFC: Fortaleza.
- Borges, L. de O.; Pinheiro, J. Q. (2002). Estratégias de coleta de dados com trabalhadores de baixa escolaridade. *Estudos de Psicologia*, Natal-RN, v. 7, número especial.
- Carvalho, P.; et al. (2011). Comprometimento afetivo, de continuação e enriquecimento organizacional: estabelecendo limites conceituais e empíricos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13 (2): 127-141.
- Carvalho, T. M. P. (2006). Juazeiro do Norte o desafio da cooperação no artesanato: o caso Mãe das Dores. P. 101-110. In: Canamary, T. K. A. (2006). *Histórias de sucesso: experiências empreendedoras*. Fortaleza: Sebrae/CE.
- Cavalcante, M. (2011). O Processo de artificação em Juazeiro do Norte – Análise

- do Centro Cultural Mestre Noza. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará.
- Cavalcante, M. (2009). *A floresta encantada – As imagens e imaginários na arte de Juazeiro do Norte*. Congresso Brasileiro de Sociologia.
- Cruz, M. (2001). *Avaliação econômica do mercado de jóias e folheadas a ouro do município de Juazeiro do Norte*. Monografia de graduação em Ciências econômicas. Universidade Regional do Cariri.
- Della Cava, R. (1985). *Milagre em Joazeiro*. trad. Maria Yedda Linhares. 2ªed. Paz e Terra: Rio de Janeiro.
- Duarte, M. de F.; Silva, A. L. (2013). A experimentação do risco na carreira criativa: o caso de mestres da cultura do artesanato cearense. *RECADM*, 12(2): 22-38.
- Duarte, M. de F. (2010). *Desenvolvimento de carreira na indústria criativa cearense: histórias de vida de mestres da cultura do artesanato*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará.
- Facó, R. (1980). *Cangaceiro e fanáticos*. Gênese e lutas. 3ªed. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.
- Fernandes, L. S. de C. (2005). *Arranjo Produtivo de Jóias e Folheados de Juazeiro do Norte: Uma Aposta que Vale Ouro*. Monografia de graduação em Ciências econômicas. Universidade Regional do Cariri.
- Oliveira, P. T. de. (2009). *Arranjo produtivo local: O caso do artesanato em madeira na cidade de Juazeiro do Norte – CE*. Monografia de graduação em Ciências Econômicas. Universidade Regional do Cariri.
- Rabello, S. (1967). Os Artesãos do Padre Cícero: Condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- Ribeiro, B. G. et al. (1983). O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Funarte.
- Rodrigues, A. C. A. (2011). *Trabalhador entrincheirado ou comprometido? Delimitação dos vínculos do indivíduo com a organização*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia. 197f.
- Rogelberg, S. G.; Church, A. H.; Wacławski, J.; Stanton, J. M. (2004). Organizational Survey Research. In: Rogelberg, S. G. (2004). *Handbook of Research Methods in Industrial and Organizational Psychology*. Blackwell Publishing. Blackwell Reference Online. 09 May 2014 https://www-blackwellreference-com.frodon.univ-paris5.fr/subscriber/toc-node.html?id=g9781405127004_chunk_g97814051270049
- Santos, E. T. dos (2007). *Exportações de artesanato do Ceará no período de 2004 a 2006: desafios e oportunidades*. Dissertação de Mestrado em Administração de Empresas. Universidade de Fortaleza, Fortaleza. 107f.
- Santos, T. M. do N. (2011). *Tramando saberes: empreendedorismo e artesanato*. Monografia de graduação do Curso de Administração. Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri. 129f.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Programa SEBRAE de Artesanato: termo de referência. Brasília: SEBRAE, 2010.
- Silva, E. C.; Bastos, A. V. B. (2010). A Escala de Consentimento Organizacional: Construção e Evidências de sua Validade. *Revista Psicologia Organização e Trabalho*. 10 (1): 7-22.

Sousa, R. A. V. (2010). *Os artesãos e a economia do cariri: O caso da Associação mãe das dores de Juazeiro do Norte - CE*. Monografia de graduação em Ciências Econômicas. Universidade Regional do Cariri.

Vidal, S. M. M. (2010). *Comércio justo e solidário no terceiro setor como ferramenta do artesanato cearense para exportações simplificadas*. Dissertação de Mestrado. Curso de mestrado em Administração de empresas da Universidade Fortaleza. 143f.

Etapa	Pergunta	Valor da resposta
Matéria Prima	O tipo de matéria-prima que você utiliza mudou desde que começou a trabalhar com artesanato?	Não = 0 Sim = 1
	A matéria-prima que você utiliza na produção artesanal passou por alguma adaptação ou transformação desde que você começou a trabalhar com artesanato?	Não = 0 Sim = 1
	Houve mudanças no modo de aquisição da matéria-prima?	Não = 0 Sim = 1
Total entre 0 e 3		
Produção	Houve mudanças em relação a receber ajuda de outras pessoas no processo de produção artesanal?	Não = 0 Sim = 1
	Houve mudanças em relação aos equipamentos utilizados na produção artesanal?	Não = 0 Sim = 1
	Houve alteração na técnica de produção artesanal?	Não = 0 Sim = 1
	Você imprimiu mudanças de estilo em relação ao objeto produzido?	Não = 0 Sim = 1
	Houve mudanças em relação ao(s) tipo(s) de objeto(s) produzido(s)?	Não = 0 Sim = 1
Total entre 0 e 5		
Comercialização	Houve mudança em relação a quem comercializava o objeto artesanal?	Não = 0 Sim = 1
	Houve mudança em relação ao local de venda do artesanato?	Não = 0 Sim = 1
	Houve mudança em relação à forma de pagamento?	Não = 0 Sim = 1
Total entre 0 e 3		

Figura 1. Pontuação para escore de inovação



Figura 2. Subgrupos de artesãos formados pela relação entre inovação e visibilidade

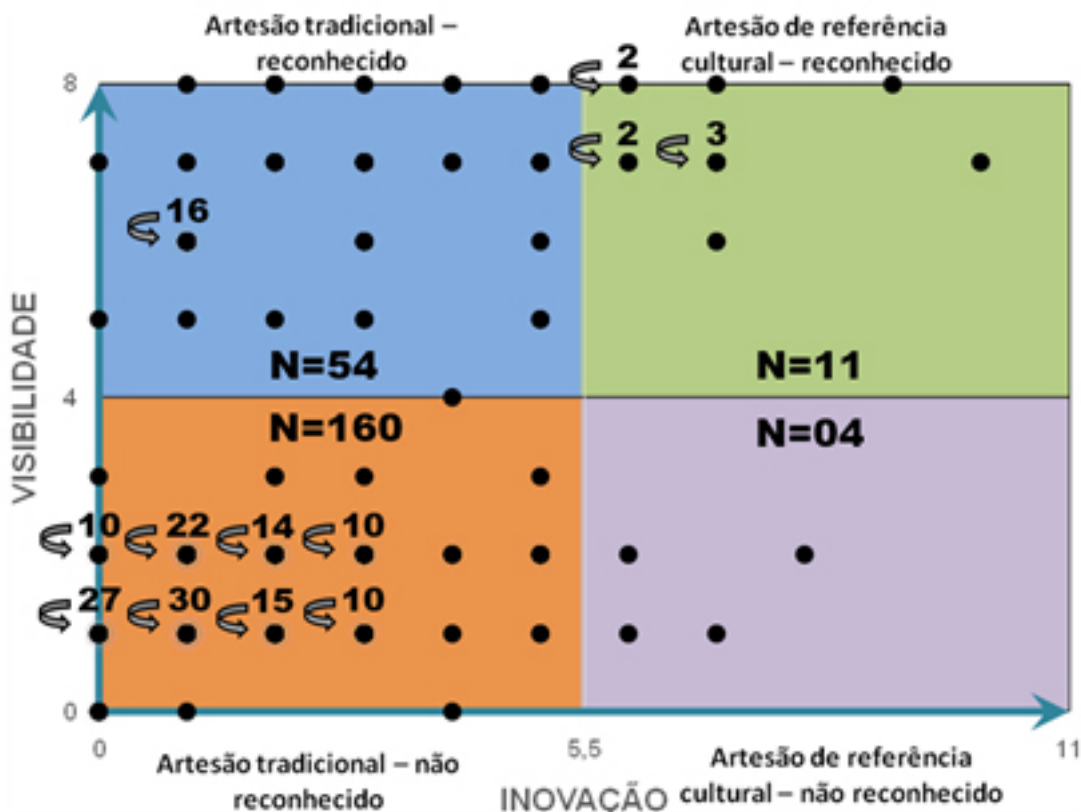


Figura 3. Disposição dos artesãos em quatro subgrupos

Tabela 1.
Caracterização da amostra quanto ao local de comercialização do artesanato

Visibilidade/Local de comercialização	N	%
Ausente (desconhecimento sobre o local de venda)	6	2,6
Local	158	68,7
• Na própria residência	87	37,8
• Em ponto comercial no município onde vive	66	28,7
• Em ponto comercial na região do Cariri, exceto cidade onde vive	5	2,2
Estadual	8	3,4
• Em ponto comercial no estado do CE, exceto Cariri e Fortaleza	1	0,4
• Em ponto comercial em Fortaleza	7	3
Regional	21	9,1
• Em ponto comercial de outras capitais do Nordeste	21	9,1
Nacional	22	9,6
• Em ponto comercial de outras regiões do Brasil	22	9,6
Cosmopolita	15	6,6
• Em ponto comercial de outros países	15	6,6
Total	230	100

RECEBIDO EM: 13/08/2016
APROVADO EM: 18/10/2016